

OS RETRATOS DE MARTINS PENA NO SÉCULO XIX

Bruna Grasiela da SILVA
(Orientadora): Profa. Dra. Orna Messer Levin

RESUMO: O comediógrafo Martins Pena (1815-1848) é considerado o fundador da comédia brasileira no século XIX. Nesse sentido, este trabalho pretende avaliar, em um período que compreende a segunda metade do século XIX e início do século XX, o processo de inserção desse comediógrafo no cânone literário brasileiro. Para tanto, serão apresentados e analisados textos de literatos e de críticos literários do período, tais como crônicas teatrais veiculadas em periódicos, a primeira biografia dedicada a Martins Pena, Histórias Literárias, antologias e manuais utilizados para o ensino de literatura nos colégios secundários.

Palavras-Chave: Literatura Brasileira; Martins Pena; Cânone Literário; Século XIX.

Introdução: Estréias de Martins Pena

Martins Pena é tido por estudiosos do teatro como um dos escritores responsáveis pelo nascimento da comédia brasileira.¹ Sua iniciativa contribuiu, juntamente com as peças de Gonçalves de Magalhães e os trabalhos artísticos de João Caetano, para que se iniciasse uma orientação nacionalista nos palcos brasileiros, como parte do movimento romântico de afirmação da cultura local.

Suas peças, a grande maioria em um ato, refletem artifícios e estruturas da comédia de costumes, são influenciadas pelos entremezes portugueses - encenados com muita frequência no encerramento de espetáculos no teatro romântico brasileiro -, empregam os recursos farsescos, tais como esconderijos, pancadaria, disfarces e quiproquós, e se inspiram em técnicas de construção de personagens - os tipos de convenção - visualizadas em comediógrafos como Gil Vicente e Molière.²

As comédias de Martins Pena estrearam nos palcos cariocas entre os anos de 1838 e 1846.³ No dia 4 de outubro de 1838, houve a apresentação de sua

¹ GALANTE DE SOUZA, J. (1960). *O Teatro no Brasil*; MAGALDI, S. (1996). *Panorama do Teatro Brasileiro*; PRADO, D. A. (1999). *História Concisa do Teatro Brasileiro: 1570-1908*; FARIA, J. R. (2001). *Idéias Teatrais: o século XIX no Brasil*.

² FARIA (2001), op. cit. p. 82.

³ As informações sobre as estréias das comédias de Martins Pena fazem parte do estudo, que desenvolvo, da recepção crítica desse autor no século XIX. Os dados da pesquisa são obtidos por meio da investigação em periódicos oitocentistas. Até o presente momento, o estudo contemplou

primeira comédia em um ato, *O Juiz de Paz da Roça*, no Teatro de São Pedro de Alcântara. O espetáculo foi em benefício da atriz Estela Sezefreda, esposa do ator João Caetano.⁴ O anúncio referente à estréia, publicado no periódico *Diário do Rio de Janeiro*, contextualiza o espetáculo:⁵

“Theatro de S. Pedro d’Alcantara. Estella Sezefreda faz beneficio quinta feira 4 do corrente, com o novo drama romantico em 3 actos, denominado: CONJURAÇÃO DE VENEZA (...) A nova farça O JUIZ DA ROÇA, e terminará por uma tocata e dança própria do lugar, que porá fim ao espectáculo.”⁶

Em 1840, as duas primeiras comédias de Martins Pena, *O Juiz de Paz da Roça* e *A Família e a Festa da Roça*, estavam entre as mais encenadas nos teatros cariocas. Durante este ano, a farsa mais apresentada, *O Recrutamento na Aldeia*,⁷ teve um total de seis encenações, enquanto as duas peças do comediógrafo foram apresentadas, cada uma, em quatro ocasiões diferentes.⁸

Martins Pena começou a carreira de comediógrafo como um autor anônimo. Primeiramente, escrevia peças de um ato, apresentadas no final do programa teatral. No entanto, em 1845, passou a escrever peças maiores, de três atos, que vão compor a parte principal dos espetáculos. Neste caso, quando escreve peças longas, o anúncio divulga seu nome: “L. C. M. Penna”.

a avaliação de dados no periódico *Diário do Rio de Janeiro*, no período entre 1838 e 1850. A partir desse trabalho, foi apresentado o artigo *Representações das Comédias de Martins Pena nos Teatros do Rio de Janeiro (1838-1845)*, durante o 5º SePeG (IEL-Unicamp, 2008). O texto produzido, disponível em <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/ile/article/viewFile/103/87>, foi resultado da análise de anúncios teatrais que veiculavam informações sobre as estréias das comédias de Martins Pena, isto é, uma primeira avaliação de como estas peças se inseriam no programa teatral e que recepção tiveram nos teatros do Rio de Janeiro.

⁴ João Caetano, responsável também pela escolha das peças a serem encenadas por sua companhia dramática, incluiu, em 1840, outra comédia de Martins Pena em um espetáculo, no qual Estela Sezefreda atuaria em cena e seria a beneficiada com uma parcela da bilheteria obtida. Tal informação nos faz crer que este ator e sua esposa tinham contato com o novato comediógrafo e que lhe abriram as portas do Teatro de São Pedro de Alcântara por, no mínimo, duas ocasiões: nas primeiras encenações de *O Juiz de Paz da Roça* (1838) e de *A Família e a Festa da Roça* (1840).

⁵ A ortografia da época será mantida na reprodução dos anúncios extraídos do *Diário do Rio de Janeiro*.

⁶ *Diário do Rio de Janeiro*, 04/10/1838.

⁷ Farsa cuja autoria é desconhecida.

⁸ Segundo os anúncios de espetáculos teatrais presentes no *Diário do Rio de Janeiro* de 1840.

“Theatro de S. Pedro de Alcantara. Companhia Dramatica. Domingo, 9 de novembro de 1845. Representar-se-há a muito graciosa e applaudida comedia original em 3 actos: O NOVIÇO. Por L. C. M. Penna.”⁹

A análise dos anúncios teatrais, que divulgam as encenações das comédias de Martins Pena, permite observar a trajetória ascendente e o bom acolhimento da obra do comediógrafo. Os dados obtidos nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro* mostram a aceitação tanto de suas peças curtas, como *O Juiz de Paz da Roça*, quanto das mais longas, em três atos, como *O Noviço*.

Após o período de estréias, pretende-se avaliar o processo a partir do qual se conferiu um lugar de destaque para Martins Pena na historiografia literária brasileira, no que diz respeito à história do teatro nacional. Alguns literatos do século XIX escreveram sobre o autor, levantando questões acerca de seu estilo, sua importância para o nascimento do teatro brasileiro e seu caráter nacional, ao abordar os costumes da sociedade brasileira em suas comédias. Nesse sentido, objetivamos acompanhar o percurso trilhado por esse autor, no período de 1857 a 1916,¹⁰ por meio da recepção crítica que obteve dos literatos do período, e de sua inclusão em manuais de ensino de literatura brasileira, como na *Antologia Nacional*. Para tanto, serão analisadas crônicas de literatos adeptos da estética realista no teatro, como José de Alencar, Machado de Assis e Quintino Bocaiúva; a biografia *Luis Carlos Martins Pena - O Criador da Comédia Nacional*; algumas crônicas teatrais publicadas por Artur Azevedo, entre os anos de 1894 e 1908; as Histórias Literárias de Silvio Romero e de José Veríssimo.¹¹

Sob os Folhetins dos Realistas

Quintino Bocaiúva, José de Alencar e Machado de Assis, além de romancistas e autores de peças teatrais, foram críticos de teatro, publicando suas crônicas nos periódicos cariocas. Quintino Bocaiúva considerava a crítica como um elemento necessário para o progresso do teatro nacional. Em suas crônicas,

⁹ *Diário do Rio de Janeiro*, 08/11/1845.

¹⁰ O período de estudo foi delimitado em função da primeira crônica teatral que mencionou Martins Pena, publicada em 1857 por José de Alencar, e da História Literária de José Veríssimo, editada em 1916.

¹¹ ROMERO, S. (2002). “Martins Pena” (Texto original de 1901). In: *Autores Brasileiros*. (Luiz Antonio Barreto, org.). Ed. Imago, RJ; VERÍSSIMO, J. (1976). “Martins Pena e o Teatro Brasileiro” (Texto original de 1900). In: *Estudos de Literatura Brasileira - 1ª Série*. Edusp, SP; VERÍSSIMO, J. (1998). *História da Literatura Brasileira* (Texto original de 1916). Letras & Letras, SP.

foi um grande defensor da comédia realista e crítico incisivo do teatro romântico. Publicou durante o ano de 1857, no *Correio Mercantil*, todos os capítulos de seu livro *Estudos Críticos e Literários: Lance d'Olhos sobre a Comédia e sua Crítica*. Em um dos capítulos, o literato apresenta uma forte crítica ao modelo farsesco, considerado baixo cômico, em oposição à comédia realista, que fazia parte da alta comédia.

“O ridículo pode agradar por momentos, pode mesmo chegar a conquistar a popularidade de um instante enquanto seu efeito atua sobre o espírito do público; mas (...) há de por força desaparecer tão breve como o riso que promove.”¹²

Vale observar que Quintino Bocaiúva estava também criticando, de maneira indireta, as farsas de Martins Pena, consideradas pelos realistas como um modelo do baixo cômico, esteticamente inferior às comédias realistas.

José de Alencar escreveu uma série de folhetins, intitulada *Ao Correr da Pena*, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*. Nestes folhetins de assuntos diversos, Alencar também tratou do teatro nacional. Em 14 de novembro de 1857, publicou um artigo denominado *A Comédia Brasileira*, no qual trata, dentre os comediógrafos brasileiros, de Martins Pena e a questão de este abordar, em suas farsas, os costumes da sociedade brasileira. Para Alencar, “(...) Pena, muito conhecido pelas suas farsas graciosas, pintava até certo ponto os costumes brasileiros; mas pintava-os sem criticar, visava antes ao efeito cômico do que ao efeito moral.”¹³ Em seu discurso, visualizamos uma das idéias principais que perpassavam a estética realista no teatro: a comédia com feição moralizante. Desta forma, Alencar destaca a ausência da ação educativa no teatro de Martins Pena e o fato de sua comédia de costumes visar apenas ao riso, e não à crítica e à moralização dos vícios sociais. Essas ponderações de Alencar se justificam, quando consideramos que este dramaturgo estava engajado com os pressupostos moralizantes e educativos da estética realista no teatro.

Machado de Assis foi também crítico literário nas páginas dos periódicos cariocas do século XIX. Nos dias 09 e 23 de abril de 1858, publicou, em *A Marmota*, a crônica *O Passado, o Presente e o Futuro da Literatura*, a qual era um “pequeno exame genérico das nossas letras.”¹⁴ Ao tratar do teatro, Machado menciona que o país ainda não possuía um teatro nacional, cuja existência fosse viva, fecunda e progressiva. A justificativa para essa constatação estava na tardia independência política brasileira, que interferira no desenvolvimento da literatura nacional. Segundo Machado, “após o *fiat* político, devia vir o *fiat*

¹² Apud FARIA (2001), op. cit. p. 452.

¹³ Apud FARIA (2001), op. cit. p. 470.

¹⁴ *A Marmota*, 23/04/1858.

literário, a emancipação do mundo intelectual, vacilante sob a ação influente de uma literatura ultramarina. Mas como? É mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura. Para esta não há gritos de Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente.”¹⁵ Assim, Machado vê de maneira pessimista o teatro brasileiro, na década de 1850, ao afirmar que “ao teatro, é palpável que a esse somos o povo mais parvo e pobretão entre as nações cultas. Dizer que temos teatro, é negar um fato; dizer que não o temos, é publicar uma vergonha.”¹⁶

Entretanto, Machado isenta o público da culpa pelo fracasso do teatro nacional, mencionando, como exemplo, o sucesso obtido nos palcos pelas peças de Martins Pena, o qual soubera agradar aos espectadores. Como afirma Machado, “o triunfo que obtiveram as comédias do Pena, e do Sr. Macedo, prova [que] o povo não é avaro em aplaudir e animar as vocações; saber agradá-lo, é o essencial.”¹⁷ Ou seja, para o literato, as comédias de Martins Pena fizeram sucesso, pois estavam em comum acordo com o gosto do público carioca.

O Primeiro Biógrafo

O primeiro biógrafo de Martins Pena, que tentou resgatar e conferir importância para sua obra, no século XIX, foi Luiz Francisco da Veiga. Este escreveu uma longa biografia, intitulada *Luis Carlos Martins Pena - O Criador da Comédia Nacional*, lida no *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB), em sessão de 23 de novembro de 1877, e publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB) no mesmo ano.¹⁸

O IHGB foi fundado em outubro de 1838 no Rio de Janeiro, - espelhando-se no *Institut Historique de Paris*, criado em 1834 -, com o objetivo de recolher e conservar documentos que atestassem a história nacional. Assim, visava à construção de uma tradição nacional, atribuindo à história e à literatura um papel de legitimação. Os membros do IHGB, homens que desempenhavam atividades variadas na política, na literatura, em pesquisas históricas e na imprensa, buscavam redigir uma biografia da nação, na qual a literatura atuaria como expressão da sociedade.¹⁹

¹⁵ *A Marmota*, 08/04/1858.

¹⁶ *A Marmota*, 23/04/1858.

¹⁷ *A Marmota*, 23/04/1858.

¹⁸ Posteriormente, a biografia também foi publicada no periódico *Jornal do Comércio* durante os dias 25, 26 e 30/11/1877. Outra republicação foi feita na *Revista Dionysos* (nº 01, Ano I, Out./1949, p.57-68.) em função da comemoração ao centenário de morte do comediógrafo.

¹⁹ SCHAPOCHNIK (1992, p. 07-08).

A RIHGB é um periódico publicado regularmente desde 1839. Destacam-se como conteúdo dessa revista as “notícias biográficas (...) de Brasileiros distintos por suas letras, virtudes, serviços relevantes (...) com explicações de seus nomes, tempo em que viveram, e motivos de sua celebridade.”²⁰ Schapochnik (1992) afirma que por meio das biografias e antologias publicadas pela revista, os letrados do IHGB contribuíram para a formação de um cânone literário brasileiro no século XIX.

Podemos constatar tal perspectiva na biografia de Martins Pena escrita por Veiga. Esta, que pretende celebrar a “memória de um distinto talento nacional”,²¹ se divide em duas partes: na primeira, são apresentados os dados biográficos do “ilustre brasileiro”,²² destacando sua formação intelectual e artística na *Academia de Belas Artes*, na qual estudou literatura, pintura, música e canto; na segunda parte, Veiga apresenta o dramaturgo e literato, informando-nos sobre as obras teatrais que compôs, quais foram encenadas e/ou impressas. Suas fontes de informações foram o sobrinho de Martins Pena, José Francisco Vianna, e as pesquisas desenvolvidas pelo IHGB em dicionários, bibliotecas cariocas e no *Jornal do Comércio* de 1837 a 1847.

A biografia exalta as colaborações de Martins Pena como homem público, devido aos seus trabalhos de funcionário do governo brasileiro, e enaltece o comediógrafo, cuja contribuição para o teatro nacional foi de extrema importância. Percebemos que, com seu primeiro biógrafo, Martins Pena recebe o status de fundador da comédia brasileira.

“As comédias de Luiz Penna têm um cunho tão caracteristicamente nacional, são tão popularmente brasileiras, são tão nossas, que haveria crime do lesa-patriotismo em deixar morrer pela indiferença e pelo esquecimento públicos aqueles preciosos artefatos literários (...) Luiz Carlos Martins Penna foi inquestionavelmente o creador da comédia nacional; e tanto basta para que seu nome tenha lugar distinto no já bem povoado Pantheon das letras pátrias.”²³

O texto de Veiga foi, posteriormente, fonte de Sacramento Blake, quando este abordou Martins Pena em seu *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, publicado em 1899. Assim como efetuado por Veiga duas décadas antes, Sacramento Blake evidencia os fatos biográficos, destacando a formação intelectual, e em seguida apresenta a produção literária do autor. As semelhanças não estão apenas no formato dos textos de ambos. Em seu

²⁰ *Apud* SCHAPOCHNIK (1992, p. 08-09).

²¹ VEIGA (1949, p. 57).

²² VEIGA (1949, p. 57).

²³ VEIGA (1949, p. 66).

dicionário, Sacramento Blake menciona as mesmas informações divulgadas pelo primeiro biógrafo.

Esta biografia também foi consultada por Silvio Romero que, em artigo de 1901, apresenta os dados fornecidos por Veiga sobre a produção teatral de Martins Pena. Silvio Romero reafirma a idéia, defendida pelo biógrafo, sobre o papel de Martins Pena como o fundador da comédia brasileira.

Artur Azevedo, crítico literário e teatrólogo do final do século XIX, também reafirmou, em suas crônicas teatrais publicadas no periódico *A Notícia*, a tese de que Martins Pena é o fundador da comédia nacional. Em crônica de 06 de fevereiro de 1896, o literato qualifica Martins Pena como o “nosso primeiro comediógrafo.”²⁴ Ademais, Artur Azevedo o coloca juntamente com os escritores considerados clássicos da literatura dramática brasileira.

“Quero o teatro Municipal não para mim, mas para a civilização intelectual do meu país, para a satisfação da arte e das letras nacionais, para que o Brasil, nação forte pelo talento dos seus filhos, a terra de Martins Pena, Alencar, Macedo, Agrário, Pinheiro Guimarães, França Júnior.”²⁵

Na crônica publicada em 26 de março de 1896, Artur Azevedo expressa consideração pelo talento de Martins Pena,²⁶ ao comentar um espetáculo que teria a encenação de uma de suas peças, no qual “mataria as saudades que sinto do nosso inimitável Pena.”²⁷

Portanto, diferente dos cronistas realistas mencionados, que destacavam a incompatibilidade da obra de Martins Pena com os propósitos da estética realista no teatro, Artur Azevedo a considerava importante, devido ao seu caráter nacional e fundador da comédia brasileira.

Homenagem e Publicação

No final da década de 1890, dois eventos se destacam como elementos de resgate e divulgação da obra do comediógrafo: um espetáculo dedicado em sua homenagem e a publicação de sua obra completa.

Em 1898, Artur Azevedo dedicou um espetáculo em homenagem aos 50 anos de morte de Martins Pena, no Teatro Variedades, com a encenação de uma

²⁴ *Apud* NEVES (2002, p. 182).

²⁵ *Apud* NEVES (2002, p. 407).

²⁶ Artur Azevedo nutria certa admiração pelo comediógrafo. Quando fundou a Cadeira n° 29, na *Academia Brasileira de Letras*, escolheu Martins Pena como patrono. Atualmente, essa cadeira é ocupada por José Mindlin. Fonte: <http://www.academia.org.br> (Acesso em 20/04/2009).

²⁷ *Apud* NEVES (2002, p. 188).

peça do autor homenageado. O cronista divulgou o espetáculo em uma de suas crônicas:

“Tendo o benemérito artista Dias Braga oferecido um espetáculo no teatro Variedades (...) e como no dia 7 de dezembro próximo completam-se 50 anos que faleceu Martins Pena, o ilustre comediógrafo fluminense, lembrei-me de comemorar este semi-centenário com aquele espetáculo.”²⁸

Em crônica de 19 de agosto de 1897, publicada no periódico *A Notícia*, Artur Azevedo comenta sobre o projeto da livraria H. Garnier, que pretendia publicar uma edição das obras completas de Martins Pena.

“Andam na baila as comédias manuscritas de Luiz Carlos Martins Pena que existem na Biblioteca Nacional. A livraria Garnier pretende fazer uma edição das obras completas do nosso grande comediógrafo, e pediu ao governo permissão para mandar copiar, naquele estabelecimento, algumas daquelas comédias, que nunca foram impressas.”²⁹

Certamente, a edição que Artur Azevedo divulgava, foi publicada pela editora H. Garnier, no Rio de Janeiro, em 1898, com o título *Teatro Brasileiro de Martins Pena (comédias) com um estudo crítico sobre o teatro no Rio de Janeiro e sobre o autor*, por Melo Morais Filho e Silvio Romero.³⁰

De acordo com Damasceno (1968, p. 16), essa coletânea das comédias, que se pretendia completa e inédita, engloba somente as peças que já haviam sido publicadas e seus textos apresentam falhas. Veríssimo, em estudo sobre Martins Pena publicado em 1900,³¹ alerta para a inautenticidade dos textos desta edição, colocando em xeque o trabalho desenvolvido por Melo Morais Filho e Silvio Romero.

As Histórias Literárias

Em 1901, Silvio Romero publicou uma série de textos sobre Martins Pena.³² O literato resgatou a biografia e obra teatral do comediógrafo, realizando um estudo sociológico de suas comédias. Para o crítico,

²⁸ *O País*, 20/11/1898.

²⁹ *Apud* NEVES (2002, p. 246).

³⁰ A Biblioteca Nacional possui um exemplar desse livro.

³¹ VERÍSSIMO (1976) op. cit.

³² *Espírito de crítica que deve estudar Martins Pena; Vida e obras de Martins Pena; Comédias publicadas e seu espírito; Pena e a sociedade brasileira; Pena e a família brasileira.*

“O escritor fotografa o seu meio com uma espontaneidade de pasmar, e essa espontaneidade, essa facilidade, quase inconsciente e orgânica, é o maior elogio de seu talento. Se se perdessem todas as leis, escritos, memória da história brasileira dos primeiros cinquenta anos deste século XIX, que está a findar, e nos ficassem somente as comédias de Pena, era possível reconstruir por elas a fisionomia moral de toda essa época.”³³

Para Silvio Romero, a obra teatral de Martins Pena é digna de apreço e este merece um lugar entre os grandes escritores nacionais, pois “é no teatro o iniciador brasileiro, o chefe nacional.”³⁴ Desta maneira, observamos que Silvio Romero destaca dois aspectos principais em Martins Pena: seu talento em levar para o teatro a “fisionomia moral” da sociedade brasileira de uma época, e o fato de esse comediógrafo ser o fundador da comédia nacional.

José Veríssimo discute, em sua *História Literária*, qual seria o lugar desse comediógrafo no teatro brasileiro.³⁵ Para este estudioso da literatura, Martins Pena faz parte da história do teatro brasileiro, mas não deve ser incluído na história da literatura brasileira, por dois motivos: suas peças são antes farsas que comédias, isto é, há uma inferioridade estética em suas comédias de “graça fácil e trivial”;³⁶ e devido ao fato de o autor produzir peças que atendiam ao gosto do “público simples e primitivo”.³⁷ Percebemos que Veríssimo diminui esteticamente os recursos empregados por Martins Pena em suas comédias, e defende a idéia segundo a qual um teatro popular, que atende ao gosto do público, não deve ser considerado literatura dramática. O literato afirma ainda que o maior trunfo de Martins Pena, na literatura, foi retratar a vida brasileira em um momento no qual o nacionalismo estava em voga.

Quando comparamos as *Histórias Literárias* de Silvio Romero e de José Veríssimo, verificamos duas posições antagônicas no tratamento dispensado à obra de Martins Pena. No entanto, os dois críticos concordam em uma assertiva: Martins Pena é o fundador da comédia brasileira e um dos responsáveis pelo nascimento do teatro nacional.

Martins Pena na *Antologia Nacional*

Na segunda metade do século XIX, a emergente disciplina História da Literatura Nacional e as antologias escolares buscavam definir os exemplos dos

³³ ROMERO (2002, p. 360) op. cit.

³⁴ ROMERO (2002, p. 414) op. cit.

³⁵ VERÍSSIMO (1976) op. cit.

³⁶ VERÍSSIMO, (1976, p. 122) op. cit.

³⁷ VERÍSSIMO, (1976, p. 126) op. cit.

clássicos nacionais entre os autores brasileiros. Desta maneira, os manuais e antologias utilizados nas aulas de português instituíam e reafirmavam os cânones da literatura brasileira. A História da Literatura Nacional foi incluída como disciplina, nos colégios secundários brasileiros, em 1855, primeiramente no programa de Retórica e Poética. Posteriormente, a disciplina adquiriu uma abordagem histórica.³⁸ A leitura de textos literários de autores nacionais ocorria por meio de excertos de autores brasileiros, considerados clássicos nacionais. Tais trechos estavam presentes em diversos manuais e antologias, tais como no *Curso Elementar de Literatura Nacional* (1862), *Le Brésil Littéraire* (1863), *Seleção Literária* (1887) e *Antologia Nacional* (1895). Estes apresentavam a literatura nacional a partir de um viés da historiografia centrada na autoria, com o objetivo de criar símbolos da literatura brasileira.

Martins Pena e suas comédias não estavam presentes nestes manuais de ensino de literatura brasileira, durante o século XIX, já que ainda não havia sido considerado um clássico nacional. O autor foi incluído na 7ª edição da *Antologia Nacional*,³⁹ em 1915, juntamente com um trecho da peça *O Juiz de Paz da Roça*, que ilustrava “a naturalidade das situações, a singeleza da frase e o bom desenho de tipos nacionais.”⁴⁰ Segundo Razzini (2000, p. 200), essa inclusão tardia se justifica “porque a linguagem coloquial de suas composições passava longe do modelo preconizado na escola.” Ademais, a comédia popular e farsesca era tratada como um gênero menor pelos literatos. Vale ressaltar que a literatura dramática, como um todo, estava relegada a segundo plano na *Antologia Nacional*. Autores como Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e Domingos de Magalhães, abordados desde a 1ª edição, eram apresentados sem nenhuma menção às suas produções teatrais. Estes eram mencionados apenas como romancistas e poetas.

Portanto, o principal motivo que levou à inclusão de Martins Pena na *Antologia Nacional* foi seu valor de escritor brasileiro, que havia abordado em suas comédias o caráter nacional, por meio dos tipos sociais brasileiros.

Considerações Finais

As estréias de Martins Pena no teatro obtiveram boa aceitação dos espectadores, já que suas comédias faziam parte do gosto do público e estavam

³⁸ RAZZINI (2000, p. 263).

³⁹ Escrita por Fausto Barreto e Carlos de Laet em 1895, a *Antologia Nacional* foi utilizada nas aulas de literatura até a década de 1960.

⁴⁰ *Antologia Nacional* apud RAZZINI (2000, p. 201).

entre as mais encenadas. Neste período de estréias, não foram encontradas crônicas teatrais que tratassem do comediógrafo.

Os críticos teatrais do período realista foram os primeiros a abordar Martins Pena em suas crônicas. Para estes, o comediógrafo não era visto como o fundador da comédia nacional. José de Alencar e Quintino Bocaiúva destacaram as deficiências de suas peças, quando comparadas com as comédias realistas. Apenas Machado de Assis evidenciou o grande sucesso de público obtido por Martins Pena.

Duas décadas após as considerações destes literatos, Luiz Francisco da Veiga, membro do IHGB, publicou uma biografia sobre o comediógrafo, a partir de um viés nacionalista, exaltando seu caráter nacional e conferindo-lhe o status de fundador da comédia brasileira.

Assim como o primeiro biógrafo, Silvio Romero também teve um papel decisivo na consagração do comediógrafo, no final do século XIX, ao incluí-lo em sua História Literária. Deste modo, o autor passou a fazer parte da História da Literatura Brasileira.

A canonização de Martins Pena encerra um ciclo, quando este é levado para as aulas de literatura nacional, por meio da *Antologia Nacional*, o mais importante e difundido manual de ensino de literatura brasileira no período. Martins Pena ascende, então, ao posto de clássico nacional, creditado por essa antologia de longa tradição no ensino.

Enfim, a recepção crítica, de cunho nacionalista, que abordou o comediógrafo no século XIX, culminou em sua consagração como o fundador da comédia brasileira e como um clássico do teatro nacional, pela sua inclusão em meios que legitimam os autores dignos de integrarem o cânone literário brasileiro, tais como em Histórias Literárias, biografias destinadas à construção de símbolos nacionais e antologias dedicadas ao ensino de literatura brasileira.

Referências Bibliográficas:

- BLAKE, A. V. A. S. (1970). *Diccionario Bibliográfico Brasileiro (5º Vol.)*. Edição do Conselho Federal de Cultura.
- NEVES, L. O. (2002). *O Teatro: Artur Azevedo e as Crônicas da Capital Federal (1894-1908)*. Dissertação de Mestrado, IEL-UNICAMP.
- PENA, M. (1968). *Comédias de Martins Pena*. Edição preparada por Damasceno, D. Ed. Tecnoprint, SP.
- RAZZINI, M. P. G. (2000). *O Espelho da Nação: A Antologia Nacional e o Ensino de Português e de Literatura*. Tese de Doutorado, IEL-UNICAMP.
- SANCHEZ, E. C. T. (2003). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: um Periódico na Cidade Letrada Brasileira do Século XIX*. Dissertação de Mestrado, IEL-UNICAMP.
- SCHAPOCHNIK, N. (1992). *Letras de Fundação: Varnhagen e Alencar - Projetos de Narrativa Instituinte*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP

VEIGA, L. F. "Luis Carlos Martins Pena - O Criador da Comédia Nacional". In: *Dionysos*, nº 01, Ano I, Out./1949, p.57-68.